



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

MULHERES LENDO MULHERES: A Literatura Afro-Brasileira de Mulheres Negras para Mulheres Negras

Luzia Batista dos santos¹

Resumo

Este texto reflete de que forma a leitura de textos de autoria feminina da literatura afro-brasileira possibilita que mulheres negras em privação de liberdade, possam ter reflexões e identificações com as histórias e contextos lidos nas obras de feministas negras que abordam em suas produções literárias tais violências de gênero e opressão que ocasionam o silenciamentos que insiste em imprimir historicamente as mazelas do colonialismo e colocar a mulher negra em posição de subalternidade e invisibilidade. A partir da leitura do livro “Insubmissas Lagrimas de Mulheres” de Conceição Evaristo (1986), verifica-se como a autora que traduzem o cotidiano feminino negro no Brasil podem evidenciar a vida e a histórias de mulheres negras a partir de outros lugares de fala, em detrimentos dos silenciamentos sentenciados às vozes femininas na literatura e na reconstrução de outras histórias para e sobre si mesmas. O objetivo é batalhar por um lugar de fala através literatura. Utiliza-se de metodologia de estudos alicerçada em análise bibliográfica, segundo os aportes teóricos: Evaristo (2009), Arraes (2015), Ribeiro (2017), Hooks (1995) e Sobral (2011), a fim de potencializar reflexões.

Palavras – chaves: mulheres negras, literatura afro-brasileira, autoria feminina.

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação de Ensino e Relações Étnico Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB/PPGER/CSC. Porto Seguro BA, Brasil. Orientanda do Prof. Doutor Alexandre Fernandes (Alexandre Ossaniyi). Pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Linguagens, Poder e Contemporaneidade – GELPOC/IFBA. luziab304@gmail.com



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

INTRODUÇÃO

A representação da mulher negra na representação dos modelos da escrita, definidos desde os séculos passados, caracterizaram principalmente escritores que atendiam a um padrão constituído de homens brancos e burgueses. No estudo das desigualdades raciais, sociais e de gênero, enfrenta-se um duplo desafio, necessário para a leitura do espaço socioeconômico que a mulher negra ocupa na construção histórica do Brasil e no processo de conquista de sua emancipação identitária, pois incide sobre ela uma espécie de dupla discriminação: pertencer à raça negra e ao gênero feminino. Literatura brasileira quase sempre é carregada de erotismo e submissão, trazendo ou a figura da escrava ou da amante. Diante de tais estereótipos, se fez necessário uma intervenção, buscando a realidade e ressaltando a força da mulher negra, representando-as de forma positiva, trazendo as heroínas negras que fizeram parte da luta pela liberdade retratadas em suas próprias histórias. O que se pretende, mais especificamente, nesta investigação que ora se apresenta, é realizar um estudo dos processos de construção/reconstrução da representação de uma identidade positiva da mulher negra em textos, que tende a assinalar a visão de

uma identidade negra afirmativa. Apresento a escritora negra que aborda em sua produção literária violências de gênero como a de Conceição Evaristo em *Insubmissas lágrimas de mulheres* elencando um elo entre as violências e opressões da realidade demonstradas em seus textos ficcionais baseados no cotidiano que ocasionam o silenciamento que insiste em imprimir historicamente as mazelas do colonialismo e colocar a mulher negra em posição de subalternidade e invisibilidade.

Insubmissas lágrimas de mulher de certa forma dá continuidade ao projeto estético da escritora ao focalizar uma representação “realista” do século XXI, pondo em relevo vozes femininas. Os 13 contos que compõem a obra apresentam relatos de uma personagem narradora e destacam vivências afetivas, políticas e sociais representativas de uma condição “feminina” da mulher afro-brasileira, com suas angústias, sexualidade, sonhos e conquistas. A escritora afro-brasileira-mineira, como ela mesma se apresenta, procura construir nessa obra representações de mulheres - perspectiva recorrente em poemas da obra, *Poemas da recordação* e outros movimentos -, mas não quaisquer mulheres: as afro-brasileiras, que já



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

estão indicadas na gravura da capa do livro, com seus cabelos crespos, seus lábios grandes. Essas mulheres da obra são insubmissas, não aceitam condições de agressão, violência, racismo, sexismo, o que justificaria suas lágrimas, acentuadas no título do livro como fator singular dessas personagens. São insubmissas na acepção de pessoas que lutam contra regimes políticos, rebelam-se com as leis ou as acham injustas, não aceitam ordens ou não as cumprir.

1. A MULHER NEGRA E SUA RE-EXISTÊNCIA

A partir Do livro Insubmissas Lagrimas de Mulheres, destacamos a forma como a mulher negra é apresentada e representada, para com isso, analisar este corpo negro com voz e apresentando os seus desejos no campo da Literatura. Vale ressaltar, que a mulher negra sempre foi representada de forma estereotipada, na maioria das vezes como objetos sexuais e não tinha o direito à voz. Não vou aqui enumerar as representações negativas que já conhecemos na Literatura Brasileira, pois escolhemos o caminho de apresentar as novas representações, já que o objetivo é a discussão em relação à importância da mulher negra enquanto sujeito.

A narrativa denuncia as várias formas de opressão feminina através da atmosfera densa do seu dia a dia, aparelhado a práticas rituais que se vinculam a uma cultura religiosa em meio ao poder patriarcal separa homens e mulheres e que coloca os homens em posição de comando e as mulheres em posição de subjugação. Submetendo-as a violências físicas e psicológicas desde a infância, que por muitas vezes as levavam a morte o que fazia do nascer mulher um motivo de tormento, este à espera da dor física e das opressões de gênero, que nos leva pensar que a partir do contato com outras culturas, tantas mulheres podem sair desta teia tecida pelo machismo, marcadas pelo poder e indiferença com a dignidade e direitos das mulheres, no que tange os direitos humanos.

O trabalho com a leitura destes textos visa verificar de que forma os textos lidos suscitam reflexos, fazem com que se acessem memórias de experiências anteriores, como as informações dos textos entrecortam as suas vidas e de que forma estes processos acontecem. As questões de gênero e raça, de forma interseccional, são, de forma recorrente, a temática de textos de autoria feminina negra. Isto porque, as facetas do racismo e do sexíssimo, juntas, destinam para as mulheres negras formas de opressão e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

segregação que não atingem mulheres não-negras.

Conceição Evaristo, ao relatar situações de mulheres insubmissas, registra ficcionalmente situações que muitas mulheres passam ainda em pleno século XXI, constituindo-se em uma memória de um “descaso” ao feminino que não se faz calar. Dessa forma, a leitura das narrativas contribui para o enriquecimento pessoal do leitor e para a sua compreensão do mundo contemporâneo, à medida que permite entender vivências de opressão feminina, luta por um contexto livre de preconceito ou de qualquer tipo de discriminação e ainda possibilita formar aquele que a lê. Sobre essa interação que o livro permite com o leitor, pode-se perceber como a obra da escritora é exemplo do caráter humanizador que a literatura tem.

Atrelado a este contexto, cada vez mais, a produção intelectual de mulheres negras tem questionado as representações e os papéis sociais de gênero e raça, ao observarmos que as relações que são tecidas na sociedade impõem às mulheres negras (e a outros segmentos discriminados) condições distintas de vulnerabilidades no que se refere aos direitos humanos, acesso a bens culturais, inclusive no que diz respeito às políticas públicas. Assim, estas mulheres estão expostas a uma trama de empecilhos e acessos que legitimam e sustentam as hierarquias de

forma estanque, deixando, muitas vezes, de visibilizar estas mulheres como sujeitos portadores de direitos.

No que diz respeito às mulheres negras nos cordéis de Jarid Arraes, as atribuições sociais estão focadas em mostrar apenas os aspectos heroicos e afirmativos dessas mulheres, que conseguiram enfrentar as adversidades com coragem e determinação. O que nos leva a uma pergunta, O fato dessas heroínas não serem destacadas, ou ao menos citadas é um meio de enfraquecer a auto estima da mulher negra e ocultar a sua força, impedindo que ela encontre a sua heroína interior? Escondendo os grandes exemplos dessas mulheres, referências ancestrais em quem elas poderiam se inspirar e seguir seu exemplo de resistência?

Assim, o lugar demarcado para a mulher negra em uma literatura sempre carregada de negativismo e inferioridade dar lugar para a representação da cidadania e do respeito que se deve ter pelas pessoas, independente de sua etnia ou condição social. Dessa forma, apenas a relevância de mostrar essa visão de identidade afirmativa, a qual foram vistas em poucos estudos, conforme se demonstrou mediante o decorrer dessa pesquisa, a mulher negra representada na literatura de cordel de Jarid Arraes, somente revela uma nova visão da mulher negra e sua coragem no período pré-abolicionista no Brasil.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Entendemos assim, que à maioria das mulheres negras cabiam três não lugares sociais: ser mulher, ser negra e ser pobre. Como nos diz Lélia Gonzalez (2008), às trabalhadoras negras cabiam as ocupações manuais de baixo nível de rendimento, tanto nas áreas rurais quanto urbanas. Os trabalhos que lhes eram destinados eram os de prestação de serviços, de modo geral, como domésticas, uma espécie de nova denominação para o papel de mucamas. Ela ainda diz que se pensarmos em uma espécie de perfil da mulher negra no pós-escravidão, veremos que começam a trabalhar desde muito jovens, em sua maioria são migrantes, trabalhadoras rurais, e desde os oito ou nove anos já trabalham em casa e pouquíssimas terminaram o primário (até o 5º ano, nos dias de hoje).

Somando-se a condição do não lugar, à baixa escolaridade, à discriminação pela cor e pelo gênero, o que temos são mulheres que com uma potência subjetiva imensa, seguiram em frente, construíram suas histórias e engendraram lutas por outras condições de vida. Luta está por, entre outras questões, mudar o status e os papéis sociais que a ela foram atribuídos, papel esse que Beatriz Nascimento relata a seguir:

A mulher negra na sua luta diária durante e após a escravidão no Brasil, foi contemplada como mão de obra, na maioria das vezes não

qualificada. Num país em que só nas últimas décadas desse século, o trabalho passou a ter o significado dignificante o que não acontecia antes, devido ao estigma da escravatura, reproduz-se na mulher negra “um destino histórico”. É ela quem desempenha, em sua maioria os serviços domésticos, os serviços em empresas públicas e privadas recompensada por baixíssimas remunerações. São de fato empregos onde as relações de trabalho evocam as mesmas da escravocracia. (NASCIMENTO, B., 2007, p. 128)

Este papel atribuído à mulher negra, conta da história de um passado em que os senhores de escravos tinham, em suas mãos, o poder de usurpar inclusive isso, o corpo destas mulheres. Pensando que vivíamos incluídos na lógica da família nuclear burguesa, ou seja: o “marido-provedor”, a “esposa-santa-imaculada”, e os “filhos-perfeitos”. Desse modo, o “marido-provedor-senhor-de-escravos” encontrava na mulher negra o corpo para satisfazer seus desejos, é o que nos conta Beatriz Nascimento (2007):

A exploração sexual de que foi vítima por parte dos senhores, determinada principalmente pela moral cristã portuguesa, que atribuía à mulher branca de classes mais altas o papel de esposa ou de “solteirona” dependente economicamente do homem, e limitadas – quando esposas – ao papel de procriadora, ou seja sua vida sexual limitava-se à posterior maternidade, fez com que a liberação da função sexual masculina, recaísse sobre a mulher negra ou mestiça. (p. 106)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Enquanto escrava, a mulher negra

trabalha na casa grande, no campo, nos engenhos, além de ser a “mãe em potencial” de novos escravos e assim seria o suporte do sistema escravocrata. Lélia Gonzales (1982) aborda duas categorias: a trabalhadora do eito e a mucama, mostrando como esses papéis foram perpetuando no mundo do trabalho mesmo após a abolição. Nos dias atuais vemos as mulheres negras trabalhando em lares ou na lida diária no trabalho no campo. Conceição Evaristo (2017) A nossa representatividade é muito pouca em determinados espaços. Os próprios espaços literários. É um pouco do processo histórico que não tem retorno: cada vez mais esses grupos são minorizados pelo poder. Por outro lado, estamos cada vez mais reclamando nossos espaços. Então se esse oportunidade é dada apenas para tapar o sol com a peneira, nós vamos cada vez mais rompendo com essa peneira. Na verdade, não nos interessa uma solução em nível de aparência. Estamos alertas com isso. Nós temos uma história de resistência, mas também uma história de enganos. Mas não estamos dormindo com os olhos dos outros.

Após ler *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* de Conceição Evaristo, com verdadeiras histórias ficcionais, imitando a vida real, com todas as opressões de gênero e raça contidas no cotidiano de muitas mulheres

é pensar na força temática destes textos produzidos por estas mulheres negras que apresentam uma força temática, apresentada pela violência masculina que adensam na construção da fábula dos enredos e na organização da linguagem para construir efeito de sentido no interlocutor, leitor no intuito de indagar as consequências de tais mazelas na vida das mulheres, inserindo uma literatura de denuncia para quebrar os silêncios e silenciamentos mais ainda buscando através desta ferramenta acadêmica como objeto de muitas discussões assentar o ponto de vista norteador da busca por direitos, fraturando a cultura colonial de manter a mulher em situação de subalternidade, assolada pelas questões interseccionais e dirimir os conflitos que as oprimem. Nós temos a memória de uma dor que não foi expurgada ainda. Talvez seja essa a grande dificuldade de as pessoas entenderem quando nós negros falamos do racismo, das ações afirmativas. Há uma tendência de compreender todas essas situações como coisas do passado. Mas na história dos povos colonizados, o passado se faz presente com as suas consequências. Não há como negar isso. Quando o passado de escravidão dos povos africanos no Brasil e nas Américas é escrito a partir dos colonizadores e das culturas hegemônicas, é sempre como um passado de impotência. Mesmo quando a gente conta a



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

dor, não contamos só como lamentação. É mais ou menos por esses termos: passamos por tudo isso, mas estamos aqui. E isso, só nós somos capazes de afirmar porque, para os outros, pouco importa estarmos aqui ou não. Eu acho que o texto memorialístico pode trazer um passado de dor, mas traz também uma situação de resiliência: sobrevivemos, inclusive para contar essa memória. Conceição Evaristo (2017) Quero rasurar essa imagem da “mãe preta” contando história. A nossa “escrevivência” conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande.

Nos contos de *Insubmissas Lagrimas de Mulheres*, Conceição Evaristo vem trazer questionamentos sobre o silenciamento das mulheres, em especial as mulheres negras que além de sofrerem com as mazelas de uma sociedade patriarcal, machista, sexista, lesbofóbica e misógina ainda são assoladas com o racismo. A partir do posicionamento de mulheres ativistas, militantes e literatas negras e não brancas, no contexto do feminismo negro, trago a reflexão de seus textos e escrevivências em um contexto decolonial que contribuem em dar voz a tantas mulheres que vivem em um regime de

opressão e silenciamento. Portanto, em sua escrita tudo o que Conceição Evaristo escreve, seja de um ponto de vista crítico, como pesquisadora, ou de um ponto de vista da criação literária, é profundamente marcado pela condição de mulher negra na sociedade

brasileira. O que se percebe é o seguinte: essa “escrevivência” tem ajudado outras mulheres a se perceberem. Percebo cada vez mais que, na medida em que essas mulheres se encontram nos textos da autora Conceição Evaristo, elas se apossam da vida com muito mais certeza. Essa escrita tem possibilitado que essas mulheres acreditem mais em si mesmas, que se reconheçam, que sabemos ser muito difícil. A literatura que nós conhecemos, essa literatura canônica, ela não nos representa e quando nos representa é sempre de uma maneira limitada, de uma maneira estereotipada. Então em seus textos, Conceição Evaristo potencializa essas mulheres para que as mesmas percebam o seu lugar de fala e se sintam em casa, se sintam reconhecidas de verdade.

2. A LITERATURA DA MULHER NEGRA E SEU LUGAR DE FALA



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Colocada a questão da identidade e diferença no interior da linguagem, isto é como atos de criação linguística, a literatura surge como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos. Partindo dessas primícias, pode ser observado que a literatura brasileira, desde a sua formação até a contemporaneidade, apresenta um discurso que insiste em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial. “O lugar que nos foi destinado, como o limite da exclusão, nos faz portadoras de uma visão crítica da sociedade brasileira, com a radicalidade que somente esse lugar contém. Trazemos dessa realidade, narrativas que ainda não foram contadas, personagens insondáveis em sua grandiosidade humana”, declara Sueli, que acredita que a literatura é uma das maneiras de entrar em contato com isso.

Conceição Evaristo afirma acreditar na literatura e na academia como "lugares de resistência" e diz que seu trabalho faz sentido

no encontro com leitores. "São vocês que dizem que eu sou escritora. E cada mulher que se reconhece no meu texto me potencializa e me compromete para uma nova escrita. Se meu texto literário for capaz de produzir reflexão e fomentar uma ação acho que ele atua como signo de resistência, de esperança e de denúncia. Matamos um personagem para denunciar a impossibilidade de vida", afirmou a 'escrevvente'.

A representação hegemônica da mulher negra na literatura brasileira, ao longo da história, resultou, como sabemos, de construções de escritores brancos: integrou uma tripartição de funções socialmente atribuídas a mulheres brancas, mulatas e negras, elaborada pelo imaginário masculino euro descendente. Centrada nos interesses do projeto de hegemonia deste segmento, via patriarcalismo, não apenas nas relações entre os gêneros, mas também nas econômicas, de dependência da mulher ao homem, e políticas, de marginalização dela da esfera pública e, sobretudo, do poder. Perceber um corpo sem mente é perceber um corpo que não pensa e não contribui intelectualmente. Mais grave ainda é que esse discurso perpetua no imaginário social, contribuindo para a propagação de que o corpo das mulheres negras, tendo em vista que elas não desenvolvem trabalhos intelectuais ou mentais, está sempre disponível para servir.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Sobre esses aspectos do pensamento falocêntrico e branco, a intelectual afro-americana Bell Hooks, no artigo *Intelectuais Negras* (1995), discorre o seguinte:

A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. Vistos como símbolo sexual os corpos femininos negros são postos numa categoria em termos culturais tida como bastante distante da vida mental. (HOOKS, 1995, p. 469)

Bell Hooks contextualiza a questão da escravização do povo negro e como o corpo feminino era explorado neste contexto. As mulheres negras escravizadas eram tidas como “incubadoras para a geração de novos escravos” (HOOKS, 1995, p. 469). Num contexto social diferente, quando não havia mais a necessidade de reproduzir e manter escravos, ainda assim, os corpos femininos, bem como a sua reprodução não deixaram de ser explorados.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar a mobilização de mulheres negras empenhadas em reescrever essa história que se pautou na hierarquia racial e de gênero para explorar os corpos e criar representações negativas dessas mulheres, a fim de situá-las em lugares sociais inferiores.

As mulheres negras tem uma trajetória histórica de resistências política, ideológica, teórica e prática de enfrentamento ao racismo,

sexismo e de estereótipos, que assinalam o surgimento do pensamento feminista negro, como um aspecto que demarca a diferença construída nos saberes das vivências e experiências de mulheres.

Em termos de mobilização de mulheres, cabe ressaltar neste artigo a organização de mulheres negras em coletivos para discutir e questionar sobre os papéis e lugares a que foram historicamente e culturalmente designadas. Essa mobilização resultou numa vertente conhecida como feminismo negro, que Sueli Carneiro apresenta no artigo *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero* (2003). Sobre a relevância do enegrecimento no movimento feminista, Sueli Carneiro aponta na seguinte citação:

Enegrecer o movimento feminista brasileiro tem significado, concretamente, demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da questão da violência contra a mulher pela introdução do conceito de violência racial como aspecto determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do país que não é branca; [...] instituir a crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho como a “boa aparência”, que mantém as desigualdades e os privilégios entre as mulheres brancas e negras. (CARNEIRO, 2003, p. 03).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Desejo de Câncer

Percebe-se então que por conta da experiência histórica da mulher negra ter sido diferenciada da experiência vivenciada pela mulher branca, é necessário que haja pautas a serem discutidas dentro do movimento feminista que contemplem as lacunas que ficaram na história dessa mulher que foi e ainda é, em muitas instâncias, oprimida e explorada. Essas reflexões acerca do feminismo negro remetem à análise do conteúdo e discurso presentes no poema de Cristiane Sobral, Não Vou Mais Lavar os Pratos. O conteúdo desse poema, tem relação direta com as colocações de Sueli Carneiro e Bell Hooks em seus textos que discutem feminismo negro e a formação das intelectuais negras.

Essa subjetivação recai no conceito de auto representação que Conceição Evaristo, pesquisadora e escritora afro-brasileira, discorre no artigo Da representação à auto representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira (2005). Autor representação trata da ressignificação de imagens acerca da mulher negra na literatura que, por sua vez, visa combater as imagens, já citadas, relacionadas a uma visão estereotipada. Nessa perspectiva, Evaristo apresenta a importância da autor representação ao afirmar:

[...] Assenhorando-se da “pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus

literário brasileiro imagens de uma auto representação. Criam, então, uma lura em que corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher Negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. (EVARISTO, 2005, p.54).

Ao analisar a situação de invisibilidade de escritoras negras na literatura, percebe-se uma negação da legitimidade cultural da mulher como sujeito do discurso, exercendo funções de significação e representação nos contextos literários brasileiros, onde, principalmente em produções anteriores, fica clara a necessidade de inferiorização e dependência impostas as mulheres no contexto social. Assim, adicionalmente à problemática racial como eco da escravidão, conclui-se que as desigualdades de gênero conferem às mulheres, menos oportunidades políticas, educacionais e socioeconômicas de acessarem mecanismos que promovam um desenvolvimento social igualitário. As vozes pretas, subalternizadas em seus tempos, carregam os ecos da escravidão em seus caminhos e escritas. Dolorosamente.

O que vemos neste cenário, é que apesar de libertas, as mulheres negras continuam excluídas da lógica social e econômica do país. Sem lugar, sem trabalho, sem nenhum tipo de assistência por parte do estado para minimamente reparar os 300 anos de escravidão. É como se, as deixando à parte, à



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

margem, elas seguiriam seu caminho e o país se esqueceria das torturas que realizo.

Lembrando Sueli “[...] as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade.”(CARNEIRO,2013),

Temos um problema real, o fato de a sociedade brasileira invisibilizar e não valorizar nossa importância. Assim, todas as nossas pautas são consequência da invisibilização e da objetificação de que temos sido alvo. Invisibilidade no mundo acadêmico, no mundo do trabalho. O desafio não tem de ser apresentado para a mulher negra, mas para a sociedade: jamais naturalizar essa questão e procurar alternativas.

A Literatura Negra surge para contestar este lugar único, deste saber hegemônico que se considera universal. Sabendo da importância do campo simbólico para a contestação do que se achava universal, que os sujeitos apresentam a sua escrita como principal arma para a construção de novas identidades forjadas em meio as diferenças.

Pensemos então, a Literatura Negra como esta vertente que contribuirá para uma nova linguagem, garantindo um lugar de fala a partir do ser negro, e se apropriando do

espaço educacional, que por muitos anos foi negada a esta população. E é a partir da escrita desta vertente da Literatura que vamos analisar a inserção do negro no imaginário, e como este campo simbólico contribui para a construção de identidades e demarcação de uma nova representação.

É importante o fortalecimento do protagonismo negro, da representatividade, de ideias e saberes do povo negro, mas para falar a uma comunidade muito maior, para falar à sociedade. É importante ampliar esse debate de “lugar de mulher é onde ela quiser”. Lugar da população negra é onde ela quiser, destaca a filósofa Djamila Ribeiro (2017).

Não é novidade para ninguém a ausência de mulheres negras na direção de filmes, programas de TV ou como protagonistas das telenovelas e dos imaginários da cultura hegemônica brasileira. Leva-se algumas gerações para que se construa uma tradição, literária ou cinematográfica, por exemplo. Sendo assim, a não escolha pela escritora Conceição Evaristo para a Academia Brasileira de Letras (ABL), deixa claro que a literatura acadêmica é composta, basicamente, por brasileiros que não têm o costume de ir ao encontro do mundo. Nossa arte clássica é, em geral, produzida por artistas que nunca saíram da sombra, que pouco saíram de casa, e que baseiam sua vivência de mundo em uma vivência exclusivamente intelectual e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

elitizada. Não sujam as mãos, não colocam os pés na terra, não vão ao encontro do outro. Por isso, a Academia Brasileira de Letras não merece Conceição Evaristo.

Considerando que vivemos em um mundo em que negras são constantemente colocadas “no seu lugar”, submetidas a mercado de trabalho racista, mídia racista, padrão de beleza eurocêntrico, e tudo o mais, a autoestima de negras incomoda. É como se fosse uma ousadia, esse passar por cima do que lhe é imposto, passar por cima de tudo que tenta colocá-la em seu lugar. Já escutei e muitos devem ter escutado pelo menos uma vez na vida a expressão “Que preta metida!” por parte de pessoas ao se referirem a negras que transparecem segurança e autoestima, em relação a própria aparência e/ou ao que faz e a posição na qual está, e sem se deixar intimidar. O que acontece muito comumente é, não essa expressão ser claramente proferida, mas que o conceito por trás dela fique implícito na fala, incômodo, e reação das pessoas.

Em consequência disso, a situação específica da mulher negra e sua autoestima é muito complexa. Como mulheres negras, constantemente somos ditas pela sociedade pra nos sentirmos coagidas e inferiores. Nossos cabelos são “ruins”, somos feias, escuras demais, nariz largo demais, jamais ocuparemos uma posição da qual possamos

nos orgulhar, não somos capazes de muita coisa. A ordem é que nós saibamos o que somos, para que servimos, qual é nossa posição no mercado e no mundo, e que estejamos o tempo todo tentando nos adaptar ao que é beleza de verdade. Nós mulheres negras temos toda uma vida de experiências pessoais que dizem respeito a constantes tentativas violentas de sabotagem de nossa autoestima, vindas de todos os âmbitos e parte imagináveis.

Sendo assim, meninas e mulheres negras com autoestima são uma afronta para o mundo. É simplesmente errado, como todas as nossas tentativas de te diminuir e negar sua beleza, importância, capacidade e talento para o mundo não funcionaram?

Nós mulheres negras, vamos nos achar sim. Se achar é direito e dever nosso. Vamos nos orgulhar de nós mesmas, das nossas raízes, da nossa História, da nossa história pessoal, do nosso tom de pele, das feições, do corpo, do cabelo. Da posição que em estamos, do que conquistamos e do que somos capazes, da nossa força. E sempre buscar por mais, ter ciência do próprio talento, da nossa capacidade e do quanto podemos conquistar, o quanto nossa voz importa. Ter autoestima, poder sobre nossos corpos e sexualidade, é nosso direito. Ser preta e metida. PRETA sim. E “metida”.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

É fundamental para a nossa resistência e luta, a nossa autoestima. A consciência de que somos lindas. De que temos direito a autonomia sobre nossos corpos, cabelos, e sexualidade. De que vamos manter a cabeça em pé, te encarar de igual para igual, sempre cientes de que capacidade e talento para conquistar qualquer coisa não nos falta. Que somos muito fortes e não vamos engolir o mundo nos empurra goela abaixo, e não vamos nos submeter ao constante apagamento que nos é feito. Que podemos e vamos tomar todos os espaços, para o lamento de quem se incomodar. “Não cabemos no mesmo lugar, aconteça o que acontecer”.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

REFERENCIA BIBLIOGRAFICA:

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS

EVARISTO, Conceição. Da representação a auto representação da mulher negra da mulhernegra na literatura brasileira. Revista palmares: Cultura Afro-brasileira. Ano I – numero1 – agosto 2005. ISSN 108 7280

HOOKS, B. Intelectuais Negras. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2 , 1995, p.454478.

ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 201

SOBRAL, C. Não vou mais lavar os pratos. Brasília: Dulcina editora, 2011.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento / Alex Ratts (org) . São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra. In: Guerreiras da natureza: mulher negra,

religiosidade e ambiente / Elisa Larkin Nascimento, (org). São Paulo: Selo Negro, 2008.

RIBEIRO, Djamila O que é lugar de fala? - Belo Horizonte (MG):Letramento justificado 2017.